

INVESTIGANDO O *BURNOUT* EM PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS

Lenice Pereira Garcia*

Ana Maria T. Benevides-Pereira**

INTRODUÇÃO

B*urnout* consiste em uma expressão inglesa para designar aquilo que deixou de funcionar por *exaustão* de energia, e foi utilizada inicialmente por Brandley (1969), mas veio a se tornar mundialmente conhecida a partir dos artigos de Freudenberger de 1974, 1975 e 1979. Apesar de divulgada desde a década de 70, é pouco conhecida no Brasil sendo que são poucos os trabalhos realizados em nosso país (França, 1987; Benevides-Pereira, 2002; Carlotto & Gobi, 1999; Codo, 1999; Lautert, 1995). A grande maioria dos autores utilizados como referência nas pesquisas encontradas são americanos e europeus (Gil-Monte; Peiró, 1997; Maslach & Leiter, 1999; Esteve, 1999).

Segundo França (1987, p.187), a incidência de *burnout* “*é predominante entre os profissionais que trabalham na área de ciências humanas, particularmente, enfermeiros, médicos e assistentes sociais*”. Os professores também são incluídos nesse grupo de profissionais, por estarem em contato constante e direto com sua clientela, sendo esse um dos principais motivos apontados que levariam um trabalhador ao *burnout*.

Na realidade do cotidiano dos docentes, pode-se observar a correria do dia-a-dia; as alterações de humor que ocorrem nas relações professor-aluno; a sobrecarga de tarefas, que precisa desdobrar-se em leituras para preparação de aulas, correção de trabalhos. No caso dos professores universitários, somam-se a estas, outras atividades como a participação em comissões, consultoria *ad-hoc*, a pressão institucional por publicação e pesquisa, de rendimento e melhoria na formação do aluno, a aprendizagem de novos recursos tecnológicos; a submissão a normas e regras técnicas da própria instituição de ensino e as governamentais (CNPq, MEC, etc), para enumerar apenas algumas das mais evidentes. Tais atividades levam a uma rotina exaustiva, que deve ser

* Faculdade de Psicologia, Centro Universitário de Maringá - PR.

** Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá - PR.

administrada e incorporada às demais dimensões e papéis assumidos pelos professores no âmbito de sua vida privada, o que nem sempre se dá, e os predispõe ao *burnout*.

Diante do exposto, o objetivo desta investigação foi verificar a incidência da síndrome de *burnout* em professores de uma instituição de ensino superior, da rede privada, no município de Maringá-Pr.

O *Burnout*

A Síndrome de *Burnout* consiste em uma expressão inglesa para designar aquilo que deixou de funcionar por exaustão de energia, e foi utilizada inicialmente por Brandley (1969), mas veio a se tornar mundialmente conhecida a partir dos artigos de Freudenberger de 1974, 1975 e 1979, médico, psicanalista, que teve uma vida profissional com muitas frustrações e dificuldades que o levaram à exaustão física e emocional, foi quem primeiramente utilizou o termo *burnout*, definindo-o como sendo um sentimento de fracasso e exaustão em decorrência de um excessivo desgaste de energia, resultando em esgotamento, decepção e perda de interesse pelo trabalho, principalmente aqueles que exigiam um contato diário, intenso e contínuo com usuários de serviços (França, 1987; Benevides-Pereira, 2002; Carlotto & Gobbi, 1999; Silva, 2000).

Burnout não é um fenômeno novo. Há mais de vinte anos, já encontramos relatos enfocando uma preocupação “[...] para aqueles que trabalhavam em profissões orientadas para o ser humano” (Maslach & Leiter, 1999, p.38), com pessoas que exerciam ocupações que exigiam um contato mais estreito e constante com pessoas: trabalhadores de serviço social, de saúde, de educação, policiais, bancários, profissionais liberais, entre outros.

Essa síndrome, ainda segundo França (1987), é caracterizada por:

“[...] sintomas e sinais de exaustão física, psíquica e emocional, em decorrência da má adaptação do indivíduo a um trabalho prolongado, altamente estressante e com grande carga tensional. Acompanha-se de sentimento de frustração em relação a si e ao trabalho. Embora já tenha sido descrita em várias e diferentes profissões, sua incidência é predominante entre os profissionais que trabalham na área de ciências humanas, particularmente, enfermeiros, médicos e assistente sociais” (p.197).

Os estudos sobre *burnout* tiveram início com profissionais de serviços de saúde, ou seja: “[...] com aqueles profissionais que pela natureza de seu trabalho necessitavam manter contato direto e constante com outras pessoas (Carlotto e Gobbi, 1999).

Conforme relatado anteriormente, o *burnout* não é um fenômeno recente. Na década de 80, já se obtinham resultados que eram considerados alarmantes. Grupos profissionais que até então não eram consideradas de risco, pois englobavam profissões consideradas vocacionais, com bons níveis de gratificação pessoal e social, começaram a apresentar sintomas de *burnout*. O que mais preocupou foi a percepção de que pessoas com personalidades aparentemente ajustadas e equilibradas, apresentavam a síndrome (Delgado apud Carlotto & Gobbi, 1999).

França (1987) alerta que o início do *burnout*, é insidioso, traiçoeiro. Ele se instala silenciosa e progressivamente e assim, ocorre uma sensação de mal-estar indefinido, físico ou mental, sintomas esses que são atribuídos pela pessoa ao excesso de trabalho que estão realizando, não se dando conta que estão adoecendo.

Revisando a literatura internacional, a maioria dos autores concordam que o *burnout* se dá em função de uma tentativa de enfrentamento ao estresse. Benevides-Pereira (2001, p.31), concorda que “*a síndrome de burnout vai além do estresse, sendo encarada como uma reação ao estresse crônico*”; e devido a grande exaustão que sentem percebem que nada mais podem oferecer aos demais em decorrência do desgaste físico e mental, sejam estes seus clientes, pacientes, alunos, colegas de trabalho, etc.

Conseqüências do Burnout

Segundo Carlotto & Gobbi (1999)

“O que já se conhece hoje sobre as possíveis conseqüências de burnout, indicam que estas merecem registro importante por seu número, severidade potencial, domínios afetados, e, em muitas situações, pela irreversibilidade de suas conseqüências” (p.108).

Revisando a literatura, encontramos tantas conseqüências, que fica difícil nomeá-las todas. As autoras citadas dizem que sentimentos de inferioridade, resignação, infelicidade, depressão, ansiedade, são as principais respostas psicológicas encontradas, além de problemas psicossomáticos. Wisniewski & Gargiulo (apud Carlotto & Gobbi, 1999), relatam que:

“Geralmente níveis elevados de burnout fazem com que os indivíduos fiquem contando as horas para o dia de trabalho terminar, pensam freqüentemente nas próximas férias e se utilizam de inúmeros atestados médicos para aliviar o estresse e tensão proveniente do trabalho” (p.109).

De acordo com Benevides-Pereira (2001), os sintomas mais freqüentemente associados ao *burnout* são:

“*psicossomáticos*: enxaquecas, dores de cabeça, insônia, gastrites e úlceras; diarreias, crises de asma, palpitações, hipertensão, maior frequência de infecções, dores musculares e/ou cervicais; alergias, suspensão do ciclo menstrual nas mulheres.

comportamentais: absenteísmo, isolamento, violência, drogadição, incapacidade de relaxar, mudanças bruscas de humor, comportamento de risco.

emocionais: impaciência, distanciamento afetivo, sentimento de solidão, sentimento de alienação, irritabilidade, ansiedade, dificuldade de concentração, sentimento de impotência; desejo de abandonar o emprego; decréscimo do rendimento de trabalho; baixa auto-estima; dúvidas de sua própria capacidade e sentimento de onipotência.

defensivos: negação das emoções, ironia, atenção seletiva, hostilidade, apatia e desconfiança” (p.32-33).

Para Maslach e Leiter (1999), o *burnout* não é um problema do indivíduo e sim do ambiente social onde seu trabalho é desenvolvido. Quando as empresas não se atém a essa possibilidade, não levando em consideração o lado humano de qualquer atividade, utilizando as pessoas como máquinas de produção em série, podem levar indivíduos “a uma grave deterioração do desempenho no trabalho”(p.36), fazendo que tenham além de prejuízos pessoais dentro da empresa, prejuízos com outras pessoas de suas inter-relações, principalmente a família e amigos.

Quando o ambiente de trabalho favorece o aparecimento de *burnout*, observa-se maior rotatividade de funcionários dentro das empresas, absenteísmo, queda de qualidade e produtividade, incremento de licenças por problemas de saúde, baixa moral dos trabalhadores, o “desligamento psicológico”, entre outras incidências.

O Burnout em Professores

Com o intuito verificar o desenvolvimento de *burnout* em professores, Moura (2000, p.88) revela que a maioria das pesquisas não têm demonstrado as “*repercussões do trabalho sobre o desempenho profissional e, principalmente, sobre a saúde física e/ou mental dos professores*”. Com a primeira divisão social do trabalho, separando o trabalho manual de trabalho intelectual, os professores foram diferenciados em relação aos outros trabalhadores, por exercerem um trabalho intelectual.

Nessa época, as normas vigentes nas fábricas eram do *taylorismo*, onde acontecia uma vigilância acirrada sobre os funcionários e o trabalho era organizado visando “*alcançar o máximo de rendimento com o mínimo de tempo e de atividade*” (Ferreira, 1986, p.1654), tendo como objetivo o aumento da produtividade. Enquanto isso, nas escolas,

“[...] a preocupação voltava-se para a formação das populações para a nova ordem econômica e social. Assim, questões sobre rendimento, otimização de desempenho, motivação de professores, não se colocaram, de imediato, enquanto problemas de gestão do trabalho no interior da escola” (Moura, 2000, p.89).

Só após a consolidação do modelo de sociedade industrial capitalista, que importantes transformações atingiram o processo de trabalho na escola. A autonomia do professor segundo esta autora, foi reduzida “através da divisão das tarefas, da introdução de formas de controle e da hierarquização das relações de trabalho” (Moura, 2000, p.89), havendo assim “*uma clara transposição dos pressupostos do ideário taylorista para a gestão do trabalho, expressa na intenção de racionalização do processo de trabalho escolar*”. Segundo o que expõe Carlotto (2002, p.22), “[...]o paradigma da eficiência estava instituído”. Neste contexto,

“[...] o interesse e as preocupações sobre o trabalho docente voltaram-se para o chamado ‘ciclo degenerativo da eficácia do docente’, geralmente apontado como responsável pela má qualidade do ensino, bem como pela elevação dos níveis de stress no trabalho que se manifestam através do fenômeno do desgaste ou esgotamento dos professores no mundo todo” (Mosquera & Stobäus, apud Moura 2000, p.89-90).

Só há bem pouco tempo os professores passaram a ser “[...] alvo do interesse de pesquisadores que adotam como objeto de estudo as manifestações físicas, mentais e/ou comportamentais vinculadas à vida no trabalho”, segundo Moura (2000, p.90). A ênfase das pesquisas centravam-se em outras profissões, assim como médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, entre outros. Como os professores trabalhavam em contato direto e constante com várias pessoas (alunos, pais, administração da instituição), e estavam sujeitos a desenvolverem a síndrome de *burnout*, foram envolvidos nas pesquisas. Comparativamente Iwanick & Schwab; Farber, (apud Carlotto, 2002, p.21), afirmam que “[...] a severidade de *burnout* entre os profissionais de ensino já é, atualmente, superior à dos profissionais de saúde, o que coloca o magistério como uma das profissões de alto risco”.

As pesquisas sobre *burnout* em professores não são muitas no Brasil, mas em outros países encontramos estudos que nos mantém atualizados sobre esse assunto. Harden (1999), professor e médico em Londres, relata que:

“Afirmações alarmantes têm sido publicadas na literatura da educação sobre a crescente permanência do stress e burnout em professores e os efeitos adversos que isto causa no ambiente de aprendizagem e na realização dos objetivos educacionais. Uma

maneira que os professores reagem à pressão que recai sobre eles é a síndrome chamada 'burnout' (p.245).

Segundo Farber, professores em *burnout*, “[...] sentem-se emocional e fisicamente exaustos, estão freqüentemente irritados, ansiosos, com raiva ou tristes”, sendo que estes sentimentos podem levá-los a “[...] sintomas psicossomáticos como insônia, úlceras, dores de cabeça e hipertensão, além de abuso no uso de álcool e medicamentos, incrementando problemas familiares e conflitos sociais”.(apud Carlotto 2002, p.24).

Carlotto (2002), discorrendo sobre relação entre o *burnout* e as atividades profissionais

“[...] o professor pode apresentar prejuízos em seu planejamento de aula, tornando-se este menos freqüente e cuidadoso. Apresenta perda de entusiasmo e criatividade, sentindo menos simpatia pelos alunos e menos otimismo quanto à avaliação de seu futuro” (p.24).

Em seu livro *O mal-estar docente*, Esteve (1999, p.11-13) explora profundamente a saúde dos professores e a rotina de uma sala de aula. Nesta publicação ele relata que o mal-estar docente é “[...] um fenômeno internacional”, cujos sintomas principiaram a fazer-se “[...] evidentes no início da década de oitenta nos países mais desenvolvidos”, entre eles Suécia, França e Reino Unido. Afirma que dados estatísticos nesta categoria têm comprovado problemas relacionados à saúde, aos recursos materiais e humanos, conflitos em questões típicas da função de professor, além de modificações no contexto social, mudando “*significativamente o perfil do professor e as exigências pessoais e do meio em relação à eficácia de sua atividade*”

“A acelerada mudança do contexto social, em que exercemos o ensino, apresenta, a cada dia, novas exigências. Nosso sistema educacional, rapidamente massificado nas últimas décadas, ainda não dispõe de uma capacidade de reação para atender às novas demandas sociais. Quando consegue atender a uma exigência reivindicada imperativamente pela sociedade, o faz com tanta lentidão que, então, as demandas sociais já são outras. Portanto, os professores se encontram ante o desconcerto e as dificuldades de demandas mutantes e a contínua crítica social por não chegar a atender essas novas exigências. Às vezes o desconcerto surge do paradoxo de que essa mesma sociedade, que exige novas responsabilidades dos professores, não lhes fornece os meios que eles reivindicam para cumpri-las. Outras vezes, da demanda de exigências opostas e contraditórias” (p.13).

Não é necessário uma adaptação na citação do autor para percebermos que suas palavras refletem nossa realidade. Em função dos baixos rendimentos que percebem, os

professores se obrigam a ter uma carga horária laboral mais elevada, conseqüentemente sobrando pouco tempo para se aperfeiçoarem ou se atualizar. Por outro lado, alunos, pais e sociedade em geral, tornaram-se mais exigentes, ao mesmo tempo em Nota-se falta de professores qualificados no mercado de trabalho, principalmente no âmbito universitário, sendo que os que se encontram na função são sacrificados com sobrecarga de atividades. Sabe-se que as tarefas de um professor não se restringem ao período em que está na sala de aula, necessitando preparar aulas, provas, corrigir e orientar a produção do aluno, participar de diversos tipos de reuniões, entre outras atividades burocráticas dentro da instituição em que trabalha.

Esteve (1999) salienta que:

“A expressão ‘mal-estar docente’ é intencionalmente ambígua. O termo ‘mal-estar’ refere-se, segundo o Dicionário da Academia Real da Língua, a um ‘desolamento ou incômodo indefinível’. A dor é algo determinado e que podemos localizar. A doença tem sintomas manifestos. Quando o usamos o termo ‘mal-estar’ sabemos que algo não vai bem, mas não somos capazes de definir o que não funciona e por quê” (p.12).

Mais do que respostas a esse *mal estar*, é necessário que atitudes sejam tomadas, tanto pelo professor, quanto pelo sistema social e governamental para que os professores não sejam tão maltratados e desrespeitados no exercício de sua função. Estes são necessários para que a população venha a ser adequadamente instruída, educada e sabedora de seus direitos e deveres, para que cidadãos sejam formados, para que novos profissionais entrem no mercado de trabalho. Por que então esse olhar de desprezo para essa classe trabalhadora tão necessária em nossa constituição profissional e como ser humano?

A respeito deste assunto, Guglielmi e Tatrow (*apud* Harden, 1999) dizem que:

“O que está possivelmente em jogo, é não somente a saúde e a satisfação ocupacional destes valiosos profissionais, mas, tão importante quanto, sua eficácia em sala de aula, o processo de ensino e aprendizagem e a qualidade em geral da educação em nossas escolas” (p.247).

Como já vimos anteriormente, os sintomas associados ao *burnout* afetam principalmente as dimensões: psicossomáticas, comportamentais, emocionais e defensivas. A esse respeito, Alvarez et. al., (*apud* Moura, 2000) dizem que:

“Todos esses aspectos, combinados, manifestam-se no ambiente de trabalho, através do aumento do nível de absenteísmo, da significativa redução na qualidade dos serviços prestados, da lentidão

e ineficácia, do aumento de interações hostis com colegas, de conflitos com autoridade e de comunicações deficientes” (p.91).

Pedrabissi *et al.* (apud Moura, 2000) atribui como as dez maiores fontes de esgotamento para docentes

“a) desmotivação dos alunos; b) comportamento indisciplinado dos alunos; c) falta de oportunidades de ascensão na carreira profissional; d) baixos salários; e) más condições de trabalho (falta de equipamentos e instalações adequadas); f) turmas excessivamente grandes; g) pressões de tempo e prazos; h) baixo reconhecimento e pouco prestígio social da profissão; i) conflitos com colegas e superiores; j) rápidas mudanças nas exigências de adaptação dos currículos” (p.91-92).

Tais problemas não são desconhecidos, manifestações grevistas freqüentes, além de a própria mídia, constantemente informa e alertam sobre esta realidade, no entanto, pouco se tem feito a no sentido de muda-la.

Assim posto, este estudo teve como objetivo analisar o impacto das dificuldades do trabalho docente, mais especificamente, as dimensões da síndrome de *burnout* em professores universitários.

Procedimento

Foi elaborado um protocolo contendo: a) a carta de apresentação da equipe de trabalho e expondo os objetivos da investigação, b) termo de esclarecimento e consentimento, c) um questionário sócio-demográfico e MBI-ED *Maslach Burnout Inventory – Educators Survey* (Maslach & Jackson, 1986)

O tratamento estatístico deu-se com o auxílio do *software* estatístico SPSS.10 – *Statiscal Package for Social Science*.

Os 368 professores de uma instituição de ensino superior privado do município de Maringá foram convidados a participar. Destes, apenas 79 devolveram os formulários devidamente preenchidos. Assim, a pesquisa foi realizada com 21,47% dos professores da instituição, sendo que 41,8% (N=33) dos que participaram da pesquisa eram do sexo feminino e 58,2% (N=46) do sexo masculino.

A coleta dos dados foi realizada utilizando-se do MBI-ED de *Maslach e Jackson* (1986), que é um dos instrumentos mais usado mundialmente para o levantamento de sintomas de *burnout*, e nos fornece resultados quanto às características principais do *burnout*, que são: EE- *Exaustão Emocional*, DE- *Despersonalização* e rRP- *reduzida Realização Profissional*. Optou-se pela tradução realizada pelo GEPEBB- Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Estresse e Burnout, sediado no Departamento de Psicologia

da Universidade Estadual de Maringá e coordenado pela Dra. Ana Maria T. Benevides-Pereira.

De acordo com Benevides-Pereira (2002), o MBI é um questionário de auto-informe, também denominado de instrumento de autopreenchimento, ou instrumento auto-aplicável. Vem sendo o mais empregado em todo o mundo, traduzido e adaptado a diversos idiomas. É respondido através de uma escala do tipo *Likert* de 7 pontos, indo do “0” como “nunca” a “6” como “todos os dias”. De seus 22 itens, 9 são relativos à dimensão *Exaustão Emocional* (EE), 5 à *Despersonalização* (DE) e 8 à *Realização Profissional* (RP). Considera-se em *burnout* uma pessoa que revele altas pontuações em EE e DE, associadas a baixos valores em RP. Houve três edições deste mesmo instrumento, a primeira publicada em 1981 nos Estados Unidos, a segunda em 1986 e a terceira em 1996, juntamente com outro pesquisador da área, Michael Leiter.

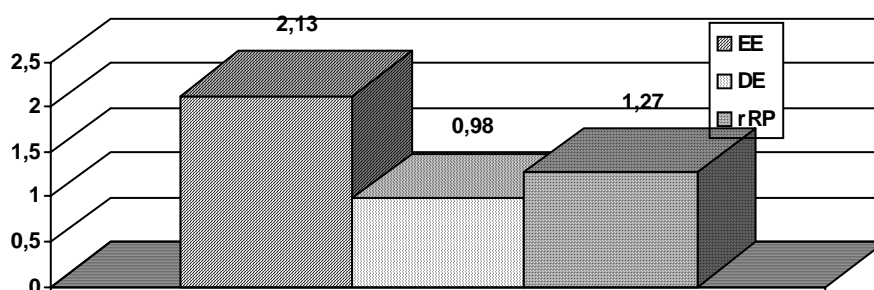
Resultados e Discussões

O grupo estudado ficou composto de 79 professores, 33 do sexo feminino (41,77%) e 46 do masculino (58,23%).

As médias das escalas do MBI foram de 19,67 para *exaustão emocional* (EE), 4,97 para *despersonalização* (DE) e 37,98 para *realização profissional* (RP), denotando valores dentro do esperado, em considerando as médias de EE=16 a 25; DE= 3 a 8; RP= 32 a 42 adotadas pelo GEPEB – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Estresse e Burnout (Benevides-Pereira, 2002).

Apreciando os resultados ponderados pelo número de itens de cada uma das escalas, sendo que, respeitando a proposição teórica, as pontuações de *realização profissional* foram invertida, temos o que vem expresso no gráfico 1

Gráfico 1 - Médias das dimensões do MBI-ED em professores universitários



Legenda: EE=Exaustão Emocional; DE=Desperssnalização e rRP=reduzida Realização Profissional.

Considerando os níveis médios para amostras brasileiras para as escalas de *burnout*, 31,6% (N=25) revelavam alto nível de *exaustão emocional*, enquanto que em *despersonalização* 19,0% (N=15), sendo que *apresentavam* reduzida *realização profissional* 21,5% (N=17) dos professores, indicando que a *exaustão emocional* era a dimensão predominante entre as compõem o *burnout* neste grupo.

A variável *sexo* denotou diferenças significativas de médias apenas para a dimensão *EE*, tendo se apresentado mais elevada no gênero feminino ($M= 22,73$; $M= 16,70$; $t=2.369$ e $p= .020$) Segundo Benevides-Pereira (2002, p.52). “[...] não tem havido unanimidade quanto à possibilidade de maior incidência no que diz respeito ao sexo”; mas as mulheres têm apresentado pontuações mais altas em *exaustão* emocional, como ocorreu nesta pesquisa, enquanto que os homens, em *despersonalização*. Acredita-se que o alto nível de *exaustão* emocional se deva ao fato das mulheres terem de desempenhar uma dupla jornada de trabalho, a profissional e a do lar.

Dentre os professores que responderam a esta pesquisa, 45,6% tinham entre 26 a 35 anos, 34,2% entre 36 a 45 anos, 16,5% entre 46 a 55 anos e 1,3% acima de 56 anos. Não responderam a esta questão 2,5% dos professores. Através de ANOVA, os professores entre 51 e 55 anos denotaram menor *realização profissional* que os demais ($f=3.590$ $p=.004$). Talvez seja o momento em que, em geral, as pessoas realizam um balanço de sua carreira profissional.

Não houve diferenças significativas a nenhuma das dimensões do *burnout* para as variáveis *estado civil* e o fato de ter ou não *filhos*.

Houve correlação positiva e significativa entre as *horas semanais de trabalho* e as 3 dimensões de *burnout* evidenciando que quanto mais horas dedicadas à docência, maior a probabilidade de aparecimento da sintomatologia associada ao *burnout* ($EE= r=.278$; $DE= r=.330$; $RP= r=.288$).

Observou-se que 58 participantes (73,42%), sentiam que a profissão interferia negativamente em sua vida pessoal e estes apresentavam médias significativamente mais elevadas que os demais em *exaustão emocional* ($M= 20,38$: $M= 14,52$; $t=2.257$ e $p=.030$) evidenciando que o esgotamento sentido se refletia em outras dimensões que não apenas o ocupacional.

Dentre os profissionais pesquisados, 26 (32,91%). afirmaram haver se submetido, ou ainda estar em psicoterapia, sendo que estes denotando níveis mais elevados em *exaustão emocional* e *despersonalização* que os demais (*EE*, $M= 23,84$: $M= 17,12$; $t=2.525$; $p=.014$) (*DE*, $M= 6,50$; $M= 4,09$; $t=2.093$ $p=.043$). Deste grupo, 6

consideram já haver concluído o processo, sendo que os mesmos apresentavam menor pontuação do que os que ainda não haviam terminado em *EE* ($M=6,12$: $M=11,88$) e *DE* ($M=1,47$: $M=7,24$), apesar de a diferença haver sido significativa apenas no primeiro caso ($EE= t=-2,175$: $p=.039$ e $DE= t=-1,943$: $p=.067$) evidenciando sua legitimidade. A efetividade da psicoterapia, como método de intervenção, já havia sido mencionada por Benevides-Pereira (2001, quando relata que: “[...] a psicoterapia vem sendo adotada como um excelente auxiliar não só como suporte para enfrentar o burnout da profissão, mas também como meio de crescimento e aprendizagem” (p.45).

Este grupo de professores universitários, quando interrogados sobre se sentiam a ***profissão como menos interessante*** do que em seu início, 66 (83,54%) responderam negativamente.

Os que já não sentiam interesse por suas atividades docentes ($N=13$), refletiam valores mais elevados na escala de *exaustão emocional* (*EE*, $M=27,00$: $M=17,69$; $t=2,789$ $p=.007$) e *despersonalização* (*DE*, $M=8,30$: $M=4,27$; $t=2,407$ $p=.030$), bem como menor *realização profissional* ainda que esta última escala não tenha sido estatisticamente significativa (*rRP*, $M=12,00$: $M=9,83$: $t=1,140$: $p=.258$). Ainda quanto ao interesse sentido, deve-se considerar o fato de que a faixa etária predominante no grupo estudado se situava entre 26 a 35 anos, sendo que 33 não possuíam mais que 5 anos de docência, talvez um tempo insuficiente para que pudessem sentir decepção com a profissão.

Ao serem indagados sobre a vontade de vir a ***mudar de profissão***, 59 (74,68%) responderam negativamente. Verificou-se diferenças significativas para os asseveraram que sim ($N=20$), nas dimensões *exaustão emocional* (*EE*, $M=24,50$: $M=17,43$; $t=2,459$ e $p=.016$) e *despersonalização* (*DE*, $M=7,40$: $M=4,10$; $t=2,571$ $p=.016$), indicando os efeitos negativos da sintomatologia do *burnout*, na medida que profissionais qualificados, após anos de investimento na carreira, abandonam seus postos de trabalho.

Ao serem interrogados sobre se a ***profissão lhes causava estresse***, 40 (50,63%) dos profissionais pesquisados responderam de forma afirmativa, enquanto 18 (22,78%) disseram que não e 21 (26,58%) não responderam. Os primeiros obtiveram diferença significativa na dimensão *exaustão emocional* ($M=21,05$: $M=14,58$; $t=2,147$ e $p=.036$), evidenciando a coerência dos dados em relação à experiência pessoal.

Considerações Finais

No grupo de professores universitários estudado, cerca de 1/3 revelavam elevação da dimensão de *exaustão emocional*, bem como 1/5 de *despersonalização* e reduzida *realização pessoal* no trabalho. A escala de *exaustão emocional* tem sido considerada como central para o *burnout* e, portanto, merece especial atenção.

Algumas variáveis sociodemográficas denotaram propriedades moduladoras neste processo, como a categoria sexo e o número de horas semanais de trabalho. O fato de haver se submetido a uma psicoterapia e a haver terminado, refletiu o aspecto positivo deste tipo de intervenção.

Não podemos esquecer que a síndrome é composta de vários elementos que vão surgindo e impactando sobre a vida dos profissionais, de forma silenciosa, e que quando a doença é diagnosticada, vários aspectos da vida pessoal do profissional foram afetados. Aparentemente tais resultados podem não parecer significativos, mas se levarmos em conta os prejuízos que eles acarretam aos professores, aos alunos e ao ambiente de trabalho, esta avaliação é passível de providências no sentido de um trabalho preventivo, levando-se em consideração as necessidades do profissional docente.

Há de se considerar que o grupo pesquisado representava apenas um quarto dos profissionais da instituição e, assim sendo, não sabemos como se encontravam os demais professores. Vários docentes, ao não devolverem os instrumentos da pesquisa, justificavam o impedimento através da falta de tempo, da correria típica da profissão e de compromissos pessoais.

De forma geral, as instituições universitárias dão prioridade à pesquisa. No entanto, este grupo profissional, apesar de enfatizar este aspecto e a importância da mesma dentre suas atividades, apresentou dificuldades em colaborar. Seria esta uma faceta do *burnout*? Seria o caso do profissional que não possui mais energia suficiente para despende um minuto a mais além do que lhe é estritamente necessário para manter seu trabalho? Ou, apesar da envergadura atribuída à investigação e ao sigilo garantido, esta ainda é sentida como invasiva para os participantes, mesmo aos suficientemente esclarecidos, uma vez que alegavam entender através das dificuldades sentidas em seus próprios estudos de pesquisa?

REFERÊNCIAS

- Ballone, G. J. (2002). *Curso sobre estresse* – PsiqWeb Psiquiatria Geral, 1999. Disponível em: < <http://www.psiqweb.med.br/cursos/stress3.html>>. Acesso em: 22 mar. 2002.
- Benevides-Pereira, A.M.T. *A saúde mental de profissionais de saúde mental: uma investigação da personalidade de psicólogos*. Maringá, Eduem, 2001.
- Benevides-Pereira, A.M.T. (2002). Burnout: o processo de adoecer pelo trabalho. In: Benevides-Pereira, A. M. T. (org.) (2002). *Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Carlotto, M. S. & Gobbi, M. D. (1999). Síndrome de Burnout: um problema do indivíduo ou do seu contexto de trabalho? *Aletheia*, 10, 103-114.
- Carlotto, M. S. (2002). A síndrome de *burnout* e o trabalho docente. *Revista Psicologia em Estudo*, 7, 21-29.
- Carlotto, M. S. (2002). Síndrome de burnout e satisfação no trabalho: um estudo com professores universitários. In: Benevides-Pereira, A. M. T. (org.) (2002). *Burnout: quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Codo, W.; Vasques-Menezes I. O que é burnout? In: Codo, W. (coord.) (1999). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes/ Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho.
- Codo W. (coord.) (1999) *Educação e carinho*. São Paulo: Vozes, CNTE e UNB.
- Duque Yepes, H. (2000). *Como prevenir e controlar o estresse: síndrome do século XXI*. São Paulo: Paulinas.
- Esteve, J. M. (1999) *O mal-estar docente: a sala-de-aula e a saúde dos professores*. Bauru, SP: EDUSC.
- Ferreira, A. B. H *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- França, H. H. (1987). A síndrome de burnout. *RBM- Revista Brasileira de Medicina*, 44,197-199.
- Freudenberg, H.J. (1974). Staff Burn-Out. *Journal of Social Issues*, 30, 159-165.
- Freudenberg, H.J. (1975). The staff burn-out syndrome in alternative institutions. *Psychoanalytic Review*, 66, 275-295.
- Freudenberg, H.J. & Robbins, A. (1979). The hazards of being a psychoanalyst.

Psychoanalytic Review, 66, 275-295.

Garrosa-Hernández, E.; Benevides-Pereira, A. M. T.; Moreno-Jimenez B.; González, J. L. Prevenção e Intervenção na síndrome de *burnout*. Como prevenir (ou remediar) o processo de *burnout*. In: Benevides-Pereira, A. M. T. *Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

Gil-Monte, P. & Peiró, J.M. (1997). *Desgaste psíquico en el trabajo: el síndrome de quemarse*. Madri, Síntesis.

Harden, R. M. (1999). Stress, pressure and burnout in teachers: Is the swan exhausted? *Medical Teacher*, 21, 245-247.

Lautert, L. (1995). O desgaste profissional do enfermeiro. (Tese) Universidade Pontifícia de Salamanca. Espanha.

Lipp, M. E.N. (1996). *Pesquisas sobre stress no Brasil: saúde, ocupações e grupos de risco*. Campinas, SP: Papirus.

Maslach, C.; Jackson, S. E. , (1981). The measurement of experienced burnout. *Journal of Occupational Behavior*, 2, 99-113.

Maslach, C; Leiter M. P. (1999) *Trabalho: fonte de prazer ou desgaste? Guia para vencer o estresse na empresa*. Campinas, SP: Papirus.

Moura, E. P. G. (2000). Esgotamento profissional (burnout) ou sofrimento psíquico no trabalho: o caso dos professores da rede de ensino particular. In: Sarriera, Jorge Castellá. *Psicologia comunitária: estudos atuais*. Porto Alegre: Sulina.

Silva, F. P. P. (2000). Burnout: um desafio à saúde do trabalhador. *PSI-Revista de Psicologia Social e Institucional*. Disponível em: <<http://www.2.uel.br/ccb/psicologia/revista/texto2n15.htm>>. Acesso em 19 mar. 2002.

Souza, W.C.; Silva, A. M. M. (2002). A influência de fatores de personalidade e de organização do trabalho no burnout em profissionais de saúde. *Revista Estudos de Psicologia*, 19, 37-48.

SPSS. Sessões práticas com software. Disponível em: <<http://www.fep.up.pt/disciplinas/ce707/softaware.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2002.